

FHC: 'Falhamos na reforma da Previdência'

Fabio Motta/AE

Em cerimônia no Rio, ele defende importância das reformas e de ajuste para fortalecer a moeda

IRANY TEREZA
e ADRIANA CHIARINI

RIO – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, durante uma solenidade em homenagem ao economista Mário Henrique Simonsen, no Rio, que o real está longe de ser uma moeda consolidada. “A reforma da previdência continua sendo necessária para que nós possamos efetivamente chegar a ter uma moeda, como disse também o Mário Henrique, que seja realmente consolidada. Estamos longe de tê-la”, afirmou o presidente, ao fazer um balanço dos oito anos de seu governo.

“Muitas vezes se falha, como nós próprios falhamos na reforma da Previdência”, reconheceu. “O drama do homem do poder é que o que ele faz depende dos outros, não depende só dele.” Fernando Henrique ressaltou, também, que a reforma previdenciária tem peso equivalente ao da estabilidade econômica e comentou que a consolidação do real vai depender da concretização das reformas estruturais.

Lembrando o período de sucessivos planos econômicos pelo qual o País passou, Fernando Henrique sugeriu que o País não deve mais recorrer a fórmulas mágicas. “Não há mais, no Brasil de hoje, o fascínio pela pirotecnia. Já não se acredita tanto nas chamadas soluções políticas para problemas econômicos, que em geral se manifestavam em grandes pacotes que mudavam tudo da noite para o dia e acabavam sendo mais soluções econômicas para problemas políticos.”



FHC volta a elogiar Lula: “A frase que saía na campanha eleitoral, Lulinha paz e amor, pegou porque ele tem algo de paz e amor”

No pronunciamento, o presidente disse que o seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva, é um dos responsáveis pela tranquilidade do processo sucessório no País. E, a exemplo do discurso que fez segunda-feira, em São Paulo, ele voltou a elogiar o presidente eleito: “A frase que saía na campanha eleitoral, Lulinha paz e amor, pegou porque ele tem algo de paz e amor. Se não tivesse, não pegaria, porque simplesmente o slogan não cola.”

‘Inveja’ – O presidente recebeu com indisfarçável orgulho os elogios de empresários presentes à solenidade, como o do presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugê-

nio Gouvêa Vieira, pela sucessão: “Outros países devem estar mortos de inveja ao ver o acolhimento de Fernando Henrique ao Lula”.

Em resposta, FHC declarou que a transição vai assegurar credibilidade ao futuro governo e fez, mais uma vez, menção a Lula: “Isso em parte se deve ao fato de que quem vai me suceder entendeu e permitiu que vivêssemos esse momento de maneira tranquila.”

“O que estamos assistindo

no Brasil, na verdade, a despeito das diferenças, que são muitas, de posições políticas, o que se vê é o amadurecimento

de uma sociedade e de um povo”, discursou. E brincou com o fato de uma transição democrática estar sendo tratada como excepcionalidade. “Esse esforço que nós estamos fazendo pela transição de-

veria transformar-se numa prática normal.”

Inflação – Fernando Henri-

“O drama do homem do poder é que o que ele faz depende dos outros, não só dele”

Fernando Henrique Cardoso

que disse, ainda, que a queda da inflação é percebida rapidamente pela população, mas processos como o do fim do analfabetismo só serão sentidos daqui a décadas.

O presidente se queixou de que muitas vezes se mede a variação do Produto Interno Bruto (PIB) sem se considerar que “a qualidade é outra, o processo é outro. Os números às vezes escondem isso.”

Antes de retornar a Brasília, Fernando Henrique fez uma rápida visita aos quatro filhos do jurista Evandro Lins e Silva, a quem entregou fotos da cerimônia na qual o jurista foi empossado como conselheiro da República. O presidente se declarou extremamente comovido com a morte de Lins e Silva.